



EDITORIAL UEADSL 2022.2

A Educação Brasileira: resistências e resiliências

Fábio dos Santos Coradini¹, Ana Cristina Fricke Matte²

¹UFRRJ/PPGEduc, fabiocoradini@ufrj.br

²UFMG/Faculdade de Letras, acris@textolivre.org

1. Introdução

"*Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro*", e assim pedimos licença ao poeta Belchior para nos intitularmos "sujeitos de sorte". Sorte, *sors* em Latim, um substantivo que pode significar destino, fado, ou um acontecimento casual, e que hoje significa vida. Durante toda a pandemia lidamos com as maiores dores, pelas perdas de muitas pessoas, pela esperança da cura, pela expectativa da vacina, pela educação se revelando inapta para lidar com as adversidade e o país revelando e velando as fragilidades da fome, do desemprego, da falta de assistência, da saúde, do acesso a internet precário e desigual e principalmente do descaso político de uma base dominante, branca, elitizada e alienada no seu mundo de privilégios.

As nossas universidades tiveram que lidar com um desequilíbrio entre formação e professores, visto que muitos ainda não compreendiam a importância de permitir online acesso as aulas públicas e gratuitas. Aulas que saem da presencialidade e ocupam as mais diversas interfaces da rede, se tornam grandes espetáculos, explodem com a concepção de "lives" e acessa a milhas de espaços e nos deparamos com outra questão: e a qualidade neste processo?

Foram dois longos anos que ainda não se dissolveram, pois existem e persistem diariamente em nosso caminhar, que nos faz perceber que mesmo carregando tantas dores, elas ainda são reais e não se desconectam. Em tempos onde vivemos frente a um país polarizado politicamente, desconstituído como sociedade, segregado pelos privilégios de poucos e que se apresenta como o local dos bons costumes e das tradições familiares.



Atravessamos nesta última semana, um momento crítico para educação, a qual nos deparamos com a triste realidade de vivermos em um país colônia que se ergue nos movimentos internos de uma massa popular que produz e enriquece os magnatas. Nossa educação se torna a salvadora da pátria e através do acesso às boas escolas e universidade mudaremos anos de latrocínio mental, a resposta é não. Hoje vivemos uma educação neoliberal, que estabelece uma formação barata com mão de obra barata, e assim continuamos no cíclico movimento de estar na base de construção piramidal para o trabalho. Nesta concepção as universidades se tornam parte do processo de formação unicamente das elites.

Desse modo, este é um momento crítico para a Educação no Brasil. Esta semana mais um corte na verba das universidades torna nosso futuro bastante imprevisível. Apesar da importância da universidade, a nosso ver inquestionável tanto para a pesquisa, quanto para o ensino e a inclusão, entendemos que a população por volta de 10 milhões de pessoas sem garantia do que comer na próxima refeição nem quando ela acontecerá deve realmente ser prioritária. Por isso, o Grupo Texto Livre, o GT Educação do Fórum Internacional de Software Livre, a comunidade de professores do grupo contra a Educação Vigiada e o coletivo mundial Café com Paulo Freire, entre muitos outros, estão preparando-se para tempos em que, mesmo sem apoio direto, permaneceremos lutando por uma educação de qualidade para todos os brasileiros.

O UEADSL2022.2 é o primeiro lugar em que nós, do grupo Texto Livre, estamos fazendo isso acontecer, antecipando as ações do ano que vem. Os convidados são representantes da educação libertadora, da educação do campo, das escolas públicas em localizações marginais e da educação especial para vir falar sobre suas realidades, tendo a pandemia como marco temporal e englobando tudo que afeta as condições de ensino.



2. Conferências

Rosele de Souza, professora da Rede Municipal de Porto Alegre desde 1995 e diretora da Escola Municipal Prof. Anísio Teixeira, Zona Sul de Porto Alegre, bairro Alberto dos Montes, proferiu neste UEADSL a conferência SOBRE O APAGÃO DIGITAL - DIVERSIDADE SOCIAL NA ESCOLA PÚBLICA E A PANDEMIA. A escola, foco da conferência, foi uma conquista do Orçamento Participativo de três comunidades diferentes, de modo que a escola atende desde alunos da classe média até alunos de famílias em estado de vulnerabilidade social e oferece turmas do ensino fundamental e da EJA. A pandemia nessa escola teve um efeito bastante revelador da desigualdade social instalada na escola em virtude de sua criação resultante da junção de três diferentes comunidades porto-alegrenses em busca de sanar a falta de uma escola que atendesse a região. A apresentação, portanto, serve de espelho ao contexto nacional em relação à problemática da educação no confronto com a pandemia que chegou ao Brasil no início de 2020. Tal como em muitas outras regiões e cidades brasileiras, a escola sofreu o abandono das autoridades governamentais, do que resultaram uma gama diferenciada de buscas em cada local por soluções a fim de manter os alunos vinculados às atividades escolares, o que surgiu como forma de permitir uma qualidade de vida melhor aos estudantes e suas famílias, isolados durante a quarentena. Nesta conferência, a professora Rosele de Souza nos conta a situação vivenciada na escola, de forma crítica, permitindo compreender desde as dificuldades e o alcance das soluções encontradas, trazendo para debate as consequências e as perspectivas após a quarentena.

Dificuldades enfrentadas pela Educação Especial na escola pública, antes e depois da pandemia, a importância do professor no processo de inclusão e a dependência do SUS e das comunidades, são desafios sempre presentes, sobre os quais a conferencista traz luz, assim como nos convida ao debate a partir das questões levantadas por **Simone Amaral**.



A conferencista convidada, educadora especial e professora da Rede Municipal de Porto Alegre, participa deste UEADSL para trazer ao debate sua experiência com a Educação Especial e os efeitos da pandemia nesse contexto. Simone trabalha há 22 anos com a educação especial, tanto em instituições privadas quanto públicas, e foi neste último tipo de escola que ela vivenciou a pandemia junto com os estudantes especiais. A Educação Especial está cada vez mais presente nas escolas, devido à Lei Brasileira de Inclusão (LBI), a Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Esta lei abrange deficiências visuais, físicas, auditivas e mentais e orienta, dentre outras coisas, que as escolas regulares dêem o suporte adequado ao recebimento de estudantes com deficiências. Trata-se de permitir a mobilidade e o acesso a todas as atividades de modo que não haja um desfavorecimento do estudante com deficiência na oportunidade de aprendizagem em virtude de limitações que não estão presentes em outras crianças. A nosso ver, a LBI aponta para a questão social da deficiência: é a sociedade quem é deficiente ao promover o acesso apenas àqueles que se encaixam num padrão que foi determinado ao longo dos séculos e referendados pelos poderes governamentais e econômicos e pelas mídias comerciais ou não. Sendo assim, a pessoa com alguma restrição sofre não pela restrição em si, mas pela deficiência social, cultural, arquitetônica e tecnológica que precisa enfrentar a cada minuto de sua vida.

Convidado pelo UEADSL, **Marlon Nunes Silva** nos traz uma ousada análise, chamada O INHOTIM COMO SIMULACRO E IMPLOÇÃO DE SENTIDO: A HIPER-REALIDADE ASSASSINA DA ARTE CONTEMPORÂNEA, sobre o Museu de Arte Contemporânea de Inhotim, a partir de Baudrillard (1991): “Baudrillard critica a existência do museu de arte contemporânea, “Centro George Pompidou”, localizado no bairro de Beaubourg em Paris, classificando-o como um núcleo incinerador que absorve a energia cultural ao seu redor, devorando-a. Diante do percebido poder do magnético fetiche exercido pelo Instituto Inhotim, localizado no município de Brumadinho, Minas Gerais, o objetivo desta proposta é demonstrar o seu espaço também como hiper-real e promovedor da implosão dos sentidos.



Sobre o Pompidou, Baudrillard (1991) ironiza: os seus comportamentos cool esgotam-se numa solidão artificial que faz e refaz as suas próprias bolhas. Assimilamos o espaço descolado do Inhotim, e, o adaptado comportamento de quem circula em seu interior, paradoxais à melancólica paisagem empoeirada e enlameada do município de Brumadinho.". Nunes Silva é autor de livros como "O Corpo Hiper-Real em Crash e a Festa Tecnológica: Sedução, Simulação & Fragmentação" e "A Tecno(logia) Nossa de Cada Dia: Entre Deuses e Demônios", é mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG e possui bacharelado em Geografia pela PUC-MG e licenciatura em Letras pela Faculdade de Brasília, além da formação em psicanálise pela Associação Brasileira de Filosofia e Psicanálise.

A Escola do Campo possui características muito diferentes da Escola Urbana. Nela você encontra salas multisseriadas com professores que, na melhor das hipóteses, a qual sabe-se muitas vezes verdadeira, buscam adequar o material de ensino à realidade dos estudantes. Não é difícil imaginar que a cultura do campo seja diferente da cultura da cidade, mesmo hoje que a televisão está presente em muitos lares campesinos e, possivelmente em menor escala, os *smartphones*. A sala de aula do campo é um ponto de encontro de crianças que moram - de fato - muito distantes umas das outras, a ponto de ser possível encontrar-se somente em festas e no fim de semana na igreja. São crianças que participam do trabalho adulto de uma forma muito mais ativa, com acesso à natureza de uma forma mais livre e que possuem uma consciência bem mais clara quanto à relação entre trabalho e conforto, se comparadas à grande maioria das crianças que vivem nas cidades. Por outro lado, o acesso à tecnologia é muito mais restrito, especialmente no que tange às tecnologias digitais em rede. A internet via satélite é, em geral, acessível apenas aos mais bem afortunados, enquanto a internet via torres de celular é bem mais rara. Para se ter uma ideia da situação no Brasil, a cobertura, conforme a Anatel, das 16 agrovilas que aparecem na lista, apenas uma possui cobertura de celular e, das 223 aldeias indígenas, 14 possuem cobertura celular e uma além destas possui menos de 15% de cobertura. Sejam agrovilas ou aldeias, a cobertura é de menos de 7%, enquanto nas cidades passa de 98%.



Nossos convidados, **Crislaine Junqueira Aguiar Silva** (BA) e **Maurício Teixeira Mendes** (MG), ambos com mestrado na UFMG, são professores do campo e conhecem de perto essa realidade. A mesa ESTUDANTES CAMPESINOS EM ESCOLAS URBANAS traz a debate não somente a realidade pós- pandemia, mas também um problema ainda maior, que é a concentração das escolas nos centros urbanos, um projeto em andamento há anos e reforçado pelo governo atual. Crislaine defendeu em 2020 a dissertação "Crença, Motivação e Autonomia em Relatos de Experiência Docente no Ensino de Inglês para Alunos Campesinos da EJA" e, em 2021, a dissertação "O Lugar do Digital nas Práticas de Letramento de uma Comunidade do Campo" foi defendida por Maurício, agora cursando doutorado no CEFET-MG. Ambos mestrados foram orientados por Ana Matte, no POSLIN/UFMG.

3. Artigos

Todos os autores do Anfiteatro deste UEADSL são **estudantes de graduação da UFMG**, de diferentes cursos, de diferentes áreas do conhecimento. Essa disciplina de Oficina de Leitura e Escrita Online existe desde 2009 e, em 2010, foi a primeira turma a participar do evento. Inicialmente era oferecida com 500 vagas por semestre e surgiu como solução para a falta de professores que tradicionalmente prejudica todos os cursos de humanas. Hoje as turmas possuem, cada uma 125 vagas e três delas estão participando essa semana, acompanhadas por uma equipe de um professor e 9 tutores, ao todo.

A metodologia usada, criada no Texto Livre, é chamada por nós de metodologia do risco, pois implica que os trabalhos finais não sejam esquecidos nas gavetas dos professores, tendo servido apenas para fins de nota, mas que sejam expostos, apresentados e debatidos com um público que, como em qualquer evento, pode variar muito a cada semestre, proveniente de qualquer canto do nosso país e, algumas vezes, também do exterior.



Trata-se de um jogo, no qual todos os participantes atuam aperfeiçoando suas habilidades e seu conhecimento e, formando pequenas comunidades de prática, realizam sua jogada em 4 níveis de atuação. Num gradiente da maior para a menor visibilidade, os níveis são: público, autores, professores/mesas/pareceristas e comissões. Aqui, "todos" significa "todos". Os estudantes trabalharam durante todo o semestre na construção passo a passo do seu trabalho. O conjunto dos trabalhos, numa sequência a partir do mais presente, para menos, abarcou os temas sociedade, saúde, tecnologia, mídias, educação, feminicídio, fake news e pandemia.

Convidamos a todos a ler os trabalhos desses estudantes que, mesmo com todas as dificuldades que estamos vivenciando nas universidades públicas, corajosamente levaram foram até o fim da jornada, vencedores desse jogo que é o UEADSL.

Fábio dos Santos Coradini

Coordenador do UEADSL 2022-2

Ana Cristina Fricke Matte

Coordenadora Geral do Grupo Texto Livre